

## *um*

É uma porta a acusar o peso dos anos e as muitas batidas de entradas e saídas. Até lhe falta uma das tábuas da segunda almofada das duas que a enfeitam, logo abaixo da janela protegida por uma grade de ferro enrolado e pintado de verde, mas mais escuro e preservado que a tinta desbotada no lado esquerdo, lá ao fundo, na parte quase a raspar o chão, a mais exposta aos ventos e à luz do Sol, severos tanto no verão como no inverno.

Mas até parece não chover nunca naquele canto da rua, *as chuvas aqui só mais lá para cima!* e apontam para norte, para o cabeço da serra lá mais ao longe! Aqui nem as casas tinham aquelas caneiras de agarrar a chuva para não pingar na calçada, em cima da gente. A primeira vez que aqui passei, parei encantado com aquela porta antiga, igual mas bem distinta no conjunto delas todas, já a fazer daquela uma rua especial, com as casas a descansar as cores suaves da tijoleira em janelas de vidros quadradinhos, com beiradas de apoiar e ajeitar cotovelos se fosse caso disso.

Não sei por que aquela porta me encantou! Talvez do verde já desbotado, talvez da tábua a menos na almofada, talvez da música suave vinda lá de dentro. Era e ainda é, uma porta igual às usadas no princípio do século passado, alta pelo pé direito e com um janelo para iluminar a escada do rés-do-chão, mesmo em frente e a outra ao lado para descer à cave, sem outra serventia além de também ser a habitação, pequena, do senhor que ocupava o resto do espaço livre do *hall* da entrada.

Engendrou e montou naquele espaço, um balcão e um conjunto de prateleiras para ajeitar as coisas precisas de gastar o tempo de uma solidão bem trancada, pois deixava tudo bem fechado a cadeado quando saía.

Vivia sozinho em baixo e trabalhava sozinho ali em cima, no pequeno *hall* da entrada, sempre armado com uma lente de aumentar na ponta de um canudinho preto de plástico, encaixado entre a pálpebra e o malar

para poder mexer, com cuidadosa atenção, nas ferramentas e máquinas trazidas por gente sabedora da paixão por aquelas coisas, *a minha vida são estas maquinazinhas pequeninas, as que o homem inventou para lhe dar cabo da liberdade!*

Era, *já cá não está!* um homem seco de carnes, cabelo branco e ralo a fazer uma espécie de crista no alto da cabeça, pelas enormes entradas que quase lhe chegavam à nuca. Tinha muitos anos, mas nunca lho perguntei por me consolar ouvi-lo, mesmo sem lhe querer adivinhar a idade, por causa dos olhos escuros e brilhantes, bem longe daquele aquoso sem brilho, habitual nos das pessoas mais antigas.

Já não há muita gente com a dignidade daquele senhor, pois a maior parte dos que ainda por aqui andam, se passeiam a imitar os mais jovens, pressionados por uma indústria que faz destes o supra-sumo da vida.

Compunha a figura com uma espécie de estola feita de pontas de lã e enrolada em volta do pescoço, sempre que fazia frio. Devia ter umas poucas daquelas tiras de lãs diversas, pois nunca lhe vi nenhuma menos limpa ou menos própria.

Ficava ali sem tempo, nunca lhe soube as horas de chegar nem de sair, só dava conta da porta fechada ou aberta, pois entrava e saía de casa sem dizer nada a ninguém. Também não sabia exactamente como lhe chegavam as máquinas, só o via abrir as caixas e logo poisar cada peça num pano aveludado e muito limpo, bem esticado em cima da mesita estreita onde trabalhava.

Quando se habituou à minha presença, eu passava ali a caminho do trabalho, mostrou e contou-me das peças em que trabalhava, Longines, Zenith, Omega, um outro raríssimo do século dezanove e da marca Brand, também um Roskopf do princípio do século vinte e muitos outros em ouro, prata e aço, *jóias que fazem o meu contentamento e vou recuperando conforme posso!*

Também lá vi um outro de parede, de madeira lacada e com uma pintura de um relógio onde funcionavam os ponteiros. Uma peça do século

dezanove, talvez feito por um artesão de nome *Schiluhr*, por ter de o escrever enquanto ele me ditava cada letra *e que veio cá parar para uma afinação completa e nunca mais volto a ter uma coisa destas nas mãos! Pertence à neta de um refugiado da segunda guerra mundial, com família e vida reconstruídas e estabilizadas neste pedaço de mundo!*

Um trabalho de grande minúcia, recorrendo a pequenas ferramentas e aparelhos específicos para aquilo tudo, sempre ao som de música clássica vinda dum leitor de cd's já com alguns anos mas, como o resto, impecavelmente limpo.

— *Ouçá lá, perguntou-me ele um dia, ainda vai andar por aqui durante mais algum tempo?*

— *Não sei! A vida traz-nos muitas surpresas e não sei como será a minha vida amanhã! Mas porque é que me pergunta isso?*

— *Decidi que só vou aceitar mais meia dúzia de trabalhos, os dum colecionador de máquinas do século dezanove e a quem não consigo dizer não! Não sei quantos mais anos ainda terei para andar aqui e também não quero deixar trabalhos por acabar ou a devolver. Por outro lado, tenho muita necessidade de conversar e de contar de mim, coisa que não faço há anos!*

— *E porquê eu?*

— *Porque me ter trazido um relógio sem qualquer valor, se o comparar com os que trabalho e trabalhei ao longo de uma vida, por me ter pedido desculpa por perguntar se também podia arranjar um relógio como aquele e também por ir ficando aqui a escutar-me, atento a tudo o que eu fazia! E por não ser mau rapaz, sei que não é!*

— *Obrigado, mas também tenho as minhas coisas! Agradeço muito esse rapaz, mas já passei dos cinquenta!*

— *Um garoto! Já lá vão os meus oitenta há uns anitos!*

— *Ganhou! Só temos de arranjar uns bocados para o poder fazer fora das minhas obrigações mas, como tenho horários variáveis não vai ser difícil conciliar isso! Até podemos arranjar um almocito ou beber uma cerveja!*

— *Está bem! Até tenho umas surpresas em relação a isso. E quando tiver*

*tudo bem encaminhado e sem me preocupar com os caminhos que os relógios possam vir a ter, acertamos tudo conforme lhe convier!*

Continuo a passar e a aprender, vendo-lhe o movimento das mãos a mexer nas pequeníssimas ferramentas, embalado pelo som de violinos e pianos que tira dos cd's, arrumados numa gaveta escondida numa das prateleiras.

— *Diga-me uma coisa se não lhe custar!*

Olha para mim com ar curioso, nunca lhe vi enfado ou irritação por causa das minhas perguntas, que não raro o interrompiam.

— *Como conseguiu construir este escritório num prédio que até nem deve ser seu e nunca vi aqui alguém incomodá-lo por causa disto?*

— *O prédio não é meu, mas a cave é! Aqui toda a gente é dona da sua casa e, como não somos muitos, só sete proprietários, os seis dos andares de cima e eu na cave, consegui autorização deles e da Câmara para esta modificação. Está tudo legal e até é meu este espaço onde estamos, à direita da escada, tudo devidamente registado na Conservatória e ninguém me pode acusar de coisa alguma menos própria!*

— *Era isso que me fazia alguma confusão porque nunca vi qualquer atitude de menos respeito, apenas muita simpatia! Deve ser o avozinho de toda esta gente!*

— *Demorei anos a conseguir esta mordomia! Antigamente havia demasiadas encrencas e formalidades para se conseguir alguma coisa, mas quando apresentei o projecto de alterações devidamente acompanhado por declarações de concordância de todos os condóminos, apesar da eternidade da aprovação, consegui fazer o que queria! Assim, os últimos anos da minha passagem por este mundo estão agora devidamente acomodados e ainda por trabalhar e viver num sítio a sul das nuvens!*

— *Não me venha com isso! É impossível acontecer uma coisa dessas!*

— *Está bem! Você teima e eu também não quero nem consigo convencê-lo da verdade do que digo!*

— *Já ouvi a mesma coisa aqui na rua, mas isso é impossível! Não há*

*nem foi criada, que eu saiba, qualquer barreira para proteger um local qualquer dos rigores do tempo!*

— *Também não tenho notícia de nenhum facto atestando isso! Mas aqui, pelo menos neste canto da rua, nunca chove! Até você já reparou que aí, na porta da entrada, ainda a mesma desde a construção deste prédio, só estão as maleitas causadas pelo vento e pelo sol!*

— *Não me diga que tem algum contrato com o deus mandador das chuvas para que isso aconteça! É irreal!*

— *Se lhe contar e um dia destes terá de ser, tudo o que de irreal já me aconteceu na vida, poderá escrever uma história ou um conto, inteiramente fantásticos!*

— *Podemos aproveitar essa disponibilidade para as conversas que haveremos de ter, por eu ser bom rapaz, como diz!*

— *Daqui por dois ou três dias já o vou aborrecer com isso. Se calhar, quando voltar a passar por aqui, já podemos acertar os dias em que vai ser!*

Volto ali uns quatro dias depois, por ter saído da cidade. Aproveitei um feriado para me revigorar com o ar da serra, por ter muito trabalho nos próximos dias. Ele parece estar à minha espera, mãos nos bolsos e encostado à porta da rua, uma atitude em que nunca o tinha encontrado.

— *É verdade sim! Estou à sua espera! Foi isto que ficou a pensar quando me viu, encostado como um malandro à ombreira da porta!*

— *Claro! Não esperava uma coisa destas! Esta tudo bem consigo?*

— *Está, claro que está! Entre aqui para o escritório, como você lhe chama, para acertarmos os dias de pôr a conversa em dia, mas a minha, pois preciso mesmo de despejar a pesada série de coisas que tenho cá dentro!*

— *Eu...*

— *Não diga nada agora! Guarde para mais tarde!*

— *Mas...*

— *Não diga nada! Sou eu a falar e preciso que você me escute! Você sabe fazê-lo pois tenho andado a observá-lo nestas semanas todas que aqui tem parado. Preciso de alguém para me escutar as histórias, os sonhos e as*

*ilusões, mas também as dores, os falhanços e os pecados, por serem tudo o que se deve contar para fazer e deixar memória, mesmo se nunca vier a ser usada. Mas tenho de abordar todas as minhas coisas, mesmo reconfiguradas com as cores das emoções que lhes vou juntar quando as contar, pois todas as emoções têm cores, mesmo atenuadas pela distância e pelo cansaço, ou ainda pela tolerância e perdão a dar e, mais que tudo, a mim ou a nós próprios!*

Entramos e vejo o escritório bem mudado. Tem só duas prateleiras do seu lado direito e encostadas à escada, com as caixas das ferramentas mais utilizadas e, os cd's noutra caixa a um canto da mesa. Ao olhar para a porta da cave, reparei numa belíssima Árvore da Vida ali pendurada, uma gravação de especialista, em placa de madeira escura, que não consegui identificar. Ele sobe os dois degraus da escada para o rés-do-chão do prédio e pára a olhar para mim.

— *Tem isto bem diferente do que era! O que é que lhe deu?*

— *Só já tenho três máquinas para arranjar e são coisas simples! O meu cliente já me avisou que ainda tem uns amigos com outras para rever e, apesar de lhe ter dito que já estava no fim da linha, pediu-me para me ir mandando um ou outro mais delicado pois não conhecia mais ninguém que o pudesse fazer com a mesma seriedade! Assim resolvi tirar daqui tudo o que fosse dispensável e só deixei o estritamente necessário para um trabalho sem grandes cuidados!*

— *E porquê aquela Árvore da Vida? Nunca lhe tinha percebido uma inclinação esotérica!*

— *E não é! Carl Jung diz ser o arquétipo e símbolo do Self mas, quase todas as culturas a olham como sendo a Mãe Primeva ou Primordial, com o dom de distribuir a vida e dar a palavra. Se reparar bem, nestes pequenos juízos estão todos os princípios que levam ao esclarecimento e à eternidade!*

— *E foi por isso que a trouxe para aqui? Parece ser uma gravura bem antiga!*

— *Deve ser do século dezasseis ou dezassete, não sei bem, mas pertenceu a um familiar que sofreu Mauthausen, mas isso são outras histórias, uma*

*das que terei de lhe verter um dia destes!*

Não diz nada mas percebo-lhe a emoção quando fala no campo da morte criado pelos nazis pouco antes da segunda guerra mundial. Vou ver a gravura mais de perto e, quando o percebo mais sereno, *o que quer dizer esse verter?*

— *Exactamente o que quer dizer, verter tudo o que me moldou a vida, porque preciso de me libertar! Preciso da serenidade que sempre ansiei e esta é a altura, por você ter chegado sem eu pedir nem esperar, está aí e sei que não vai embora enquanto eu não terminar de me contar! Obrigado por estar!*

— *Não me agradeça! Sabe que estou, talvez e até só pela curiosidade de ouvir histórias de gente que as vive ou viveu e ainda está nessas narrativas porque a própria narrativa as faz viver!*

Depois passa para o outro lado da mesinha, tira dois copos pequenos e um frasco de cristal de uma gaveta em baixo e *vamos fazer um pequeno brinde a uma amizade já e só de algumas semanas, agora reforçada com a solidariedade e paciência de um e com a premência e necessidade de libertação do outro!*

Deita um pouquinho de bebida em cada copo, levanta-o e acompanha-o com um sorriso. Quando os copos se tocam reparo nos olhos marejados e no tremor do lábio inferior.

Pouso o copo antes de o beber, passo para o outro lado e abro os braços para um abraço e corresponde abraçando-me forte e longamente. Depois pega outra vez no copo, volta a levantá-lo e em voz baixa mas serena *muito obrigado!* É um Porto muito antigo, *também uma herança e só lhe toco em ocasiões muito especiais! Esta é uma delas!*

A conversa vai depois para as pequenas coisas que ainda tem para fazer, as disposições que já tinha feito para quando fosse embora, as dúvidas sobre quem iria ficar com o pouco que tem e a esperança de ainda aqui ficar mais um bom para de anos.

Aproveito para perguntar, *posso trazer um caderno para uns apontamentos? Não sei ainda o que vou fazer deles!*